

**COM HUMOR E PAULO FREIRE:  
a educação na Guiné Bissau  
1976 – 1980**

Claudius Ceccon <sup>1</sup>

O documento que apresentamos é mais uma contribuição que complementa o que já se sabe sobre a ação de Paulo Freire na Guiné Bissau, entre 1976 e 1980. Damos, a seguir, algumas informações para contextualizar o relato.

Em setembro de 1976, Paulo Freire e a equipe do IDAC<sup>i</sup> desembarcavam em Bissau, a convite do Ministério da Educação daquele país, em meio às celebrações do primeiro aniversário de sua libertação e independência do regime colonial português.

---

<sup>1</sup> Claudius Ceccon é Diretor Executivo do Cecip – Centro de Criação de Imagem Popular, criado, em 1986, por um grupo de profissionais de diversas áreas, entre eles Paulo Freire e Eduardo Coutinho, preocupados em contribuir para o processo de redemocratização do Brasil, que emergia de 21 anos de ditadura civil-militar. Claudius Ceccon é arquiteto da turma de 1960 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Foi da primeira turma da ESDI, Escola Superior de Desenho Industrial, em 1963. Como bolsista, fez estudos de pós graduação em planejamento urbano na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo em Roma, Itália e no Bouwcentrum, em Rotterdam, Holanda, entre 1965 e 1967. Foi professor assistente na Escola de Arquitetura da Universidade de Genebra entre 1971 e 1973 e, após regressar ao Brasil, entre 1980 e 1986, ensinou nas Faculdades Integradas Bennett e na Puc-RJ. Enquanto estudante, começou a trabalhar na imprensa como desenhista de humor e chargista político, transformando-se num campo de atuação permanente. Seus trabalhos foram publicados nos principais jornais do país (ESP, FSP, JB, Correio da Manhã, Globo), na revista Manchete, durante aproximadamente 15 anos e no Pasquim, do qual foi um dos fundadores. Também ilustrou livros infantís, entre eles os 20 volumes da coleção Mico Maneco, com texto de Ana Maria Machado. O livro CLAUDIUS, publicado pelo SESI-SP, uma seleção de seu trabalho, ganhou o 1º Prêmio Jabuti em sua categoria na 57ª. Edição.



**Imagem 1:** Chegada de Paulo Freire à Guiné Bissau, recebido por Mario Cabral, Ministro da Educação. Claudius Ceccon em primeiro plano, 1976. (Fonte: Autor desconhecido. Acervo Claudius Ceccon. Imagem cedida, nos termos da Creative Commons Attribution para uso não comercial).

Durante três semanas, percorremos, de carro ou helicóptero, algumas regiões do pequeno país, e encontramos com uma grande variedade de pessoas, de camponeses a ministros, passando por responsáveis pelos serviços de inteligência das Forças Armadas, por líderes do partido e até pelo próprio presidente. Coletamos todas as informações que nos foi possível levantar. Com entusiasmo, diante do imenso desafio, voltamos a Genebra e começamos a trabalhar na proposta que apresentaríamos a Mario Cabral, Ministro da Educação.

O convite feito a Paulo Freire consistia em conceber e liderar uma campanha nacional de alfabetização, como a que fora empreendida com sucesso no Brasil, dizia-se, interrompida pelo golpe civil-militar de 1964.

A partir do que observamos na Guiné Bissau, condições objetivas e diferenças intransponíveis impossibilitavam uma campanha como aquela. Havia outras

prioridades, desafios que dependiam de uma análise mais aprofundada dos rumos que uma nova educação deveria escolher.

Nesta introdução limito-me a relatar o que foi feito a partir da decisão que tomamos, de que era preciso colocar em discussão, o mais amplamente possível, as questões e os problemas enfrentados pelo novo governo no campo da educação.

Como fazer isso? Numa cultura de tradição oral, a palavra de Paulo Freire se apresentava como primeira opção. Ela ficaria indelevelmente gravada na memória de quantas pessoas o ouvissem. Mas, e as outras? Sempre poderíamos apresentar a proposta por escrito, o que de qualquer maneira tinha de ser feito. Mas, como dar-lhe um caráter mais acessível e impedir que acabasse em alguma gaveta?

Sugeri apresentá-la em formato audiovisual. Entretanto, a pesquisa que havíamos feito mostrara que havia pouquíssimos elementos visuais disponíveis. O registro fotográfico começara recentemente, durante a luta de libertação e nossa análise ia bem mais longe, alcançava o período pré-colonial. Nenhuma documentação local a esse respeito. A solução era criar essas imagens. Sim, mas... como seriam? Como compatibilizar o discurso que propúnhamos com o saber e a cultura local? E que mídia seria usada? Falar em audiovisual num ambiente em que não havia cinema nem televisão?

A solução encontrada foi a de produzir imagens em séries de diapositivos, projetando-os numa tela qualquer – parede, lençol, muro.

A opção derivou de quem iria executar a tarefa. A experiência como chargista político e ilustrador tinha uma característica: o uso do humor. O desenho de humor permite criar imagens-síntese de elementos que originalmente se

encontram isolados, diferentes entre si, até contraditórios. Ele permite que esses elementos se juntem e realizem algo que a fotografia e mesmo o desenho dito “sério” dificilmente conseguem fazer. O desenho de humor exige de quem entra em contato com ele uma participação, um esforço de decodificação que acontece quando o que o autor apresenta se encontra com a experiência de quem vê. Essa informação, que existe em estado bruto, desarticulado, é recolhida, elaborada e devolvida sob nova forma. Ao se estabelecer uma cumplicidade, a comunicação foi bem sucedida.

A primeira apresentação foi feita no próprio ministério. As imagens projetadas na parede, ampliadas, coloridas, causaram um impacto enorme no ministro e em sua equipe. A experiência seguinte foi mostrar o audiovisual num bairro da periferia de Bissau. Essa experiência está relatada em detalhe num capítulo do livro *Vivendo e Aprendendo*<sup>2</sup>.

No início do ano seguinte, ajudamos a organizar, em Bissau, o Primeiro Encontro de Educadores dos países africanos de expressão portuguesa, com representantes de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e de representantes da FRETILIN, Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente. Nessa ocasião, produzimos um suplemento especial do jornal *NÔ PINTCHA*<sup>3</sup>, onde a série de diapositivos foi transformada em história em quadrinhos.

Aproveitem.  
Claudius Ceccon  
Rio, 13 de outubro de 2017

---

<sup>2</sup> Paulo Freire, Claudius Ceccon, Miguel Darcy de Oliveira e Rosiska Darcy de Oliveira - **Vivendo e Aprendendo, Experiências do Idac em educação popular** – Editora Brasiliense, São Paulo, 1ª. Edição 1980. Ver capítulo 4: **Aprender para viver melhor** e capítulo 5: **Com Humor – uma nova linguagem de comunicação social**.

---

<sup>i</sup> O IDAC, Instituto de Ação Cultural, foi um centro de pesquisa e intervenção pedagógica criado em 1970 em Genebra, Suíça, por um grupo de brasileiros que os caminhos do exílio levaram a ali se encontrarem. A origem do IDAC resultou de uma série de encontros que aconteceram nos primeiros meses após a chegada de Paulo Freire naquela cidade, a convite do Conselho Mundial de Igrejas. A equipe do IDAC que participou do projeto Guiné Bissau, além do próprio Paulo Freire e de sua mulher, Elsa, era composta de Miguel Darcy de Oliveira, Marcos Arruda e do autor deste artigo, que faziam viagens regulares à Guiné, onde se estabeleceu permanentemente o outro membro da equipe, José Barbosa, acompanhado de Giselle, sua mulher. De Genebra participavam Rosiska Darcy de Oliveira e Babette Harper.

Recebido em: 13.10.2017

Aceito em: 13.10.2017

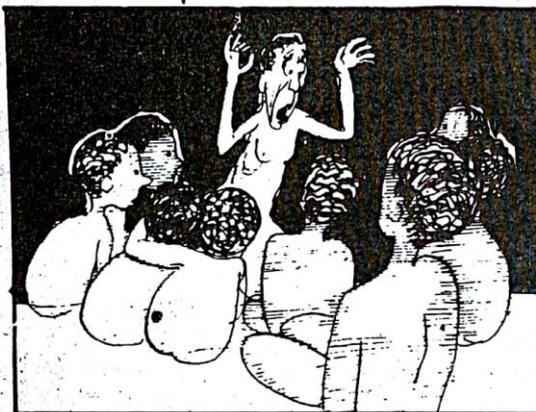
Apêndice - Suplemento especial do jornal NÔ PINTCHA (1977)<sup>4</sup>

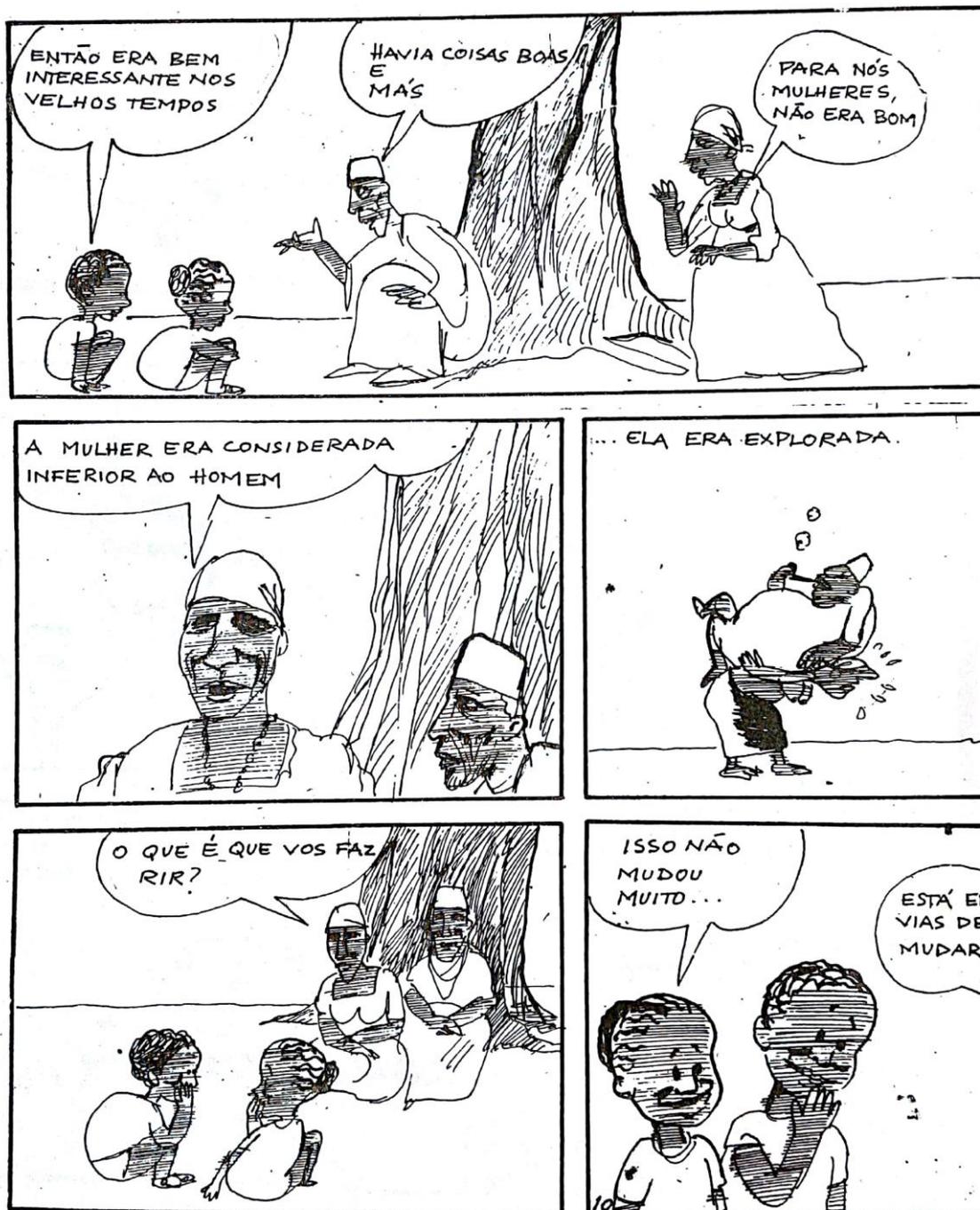


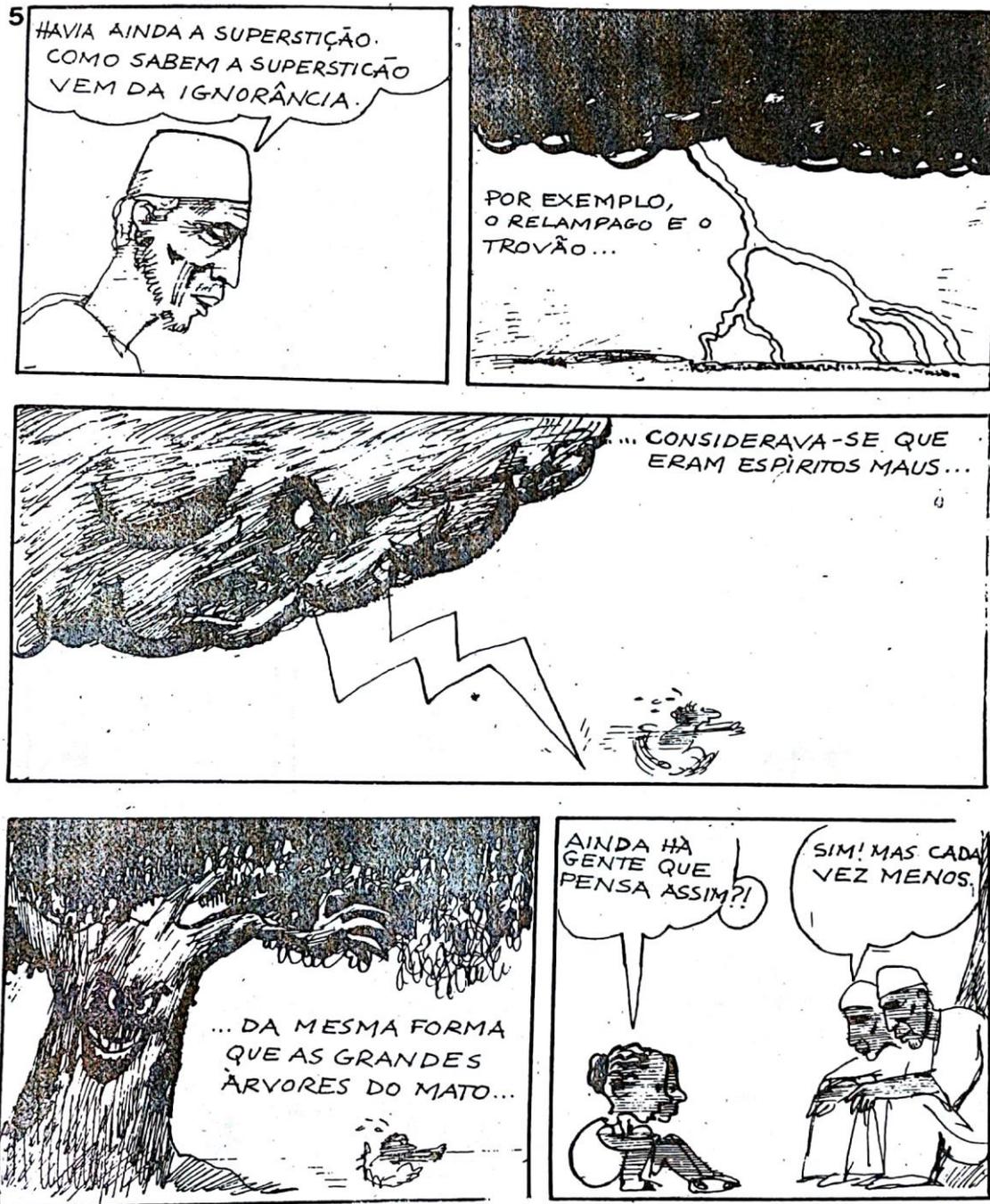
<sup>4</sup> Acervo Claudius Ceccon. Material cedido, nos termos da Creative Commons Attribution para uso não comercial pela Movimento.

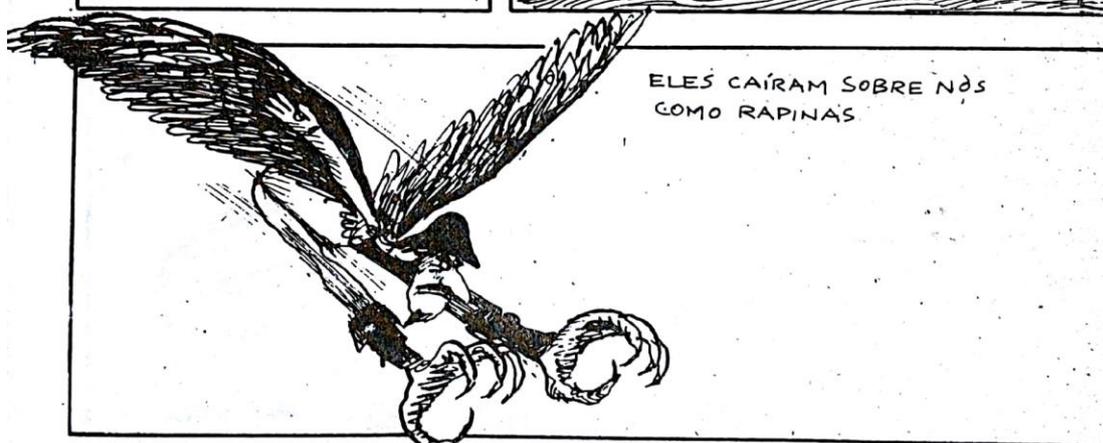
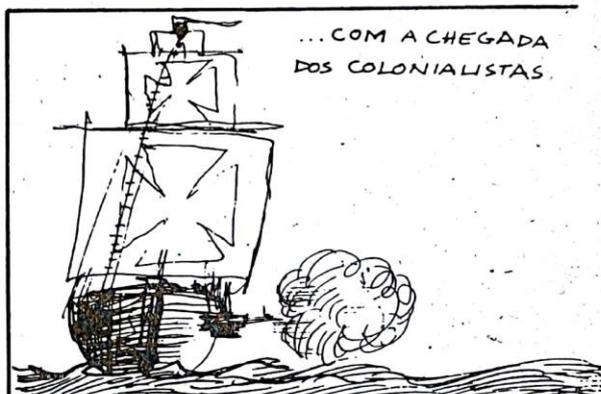


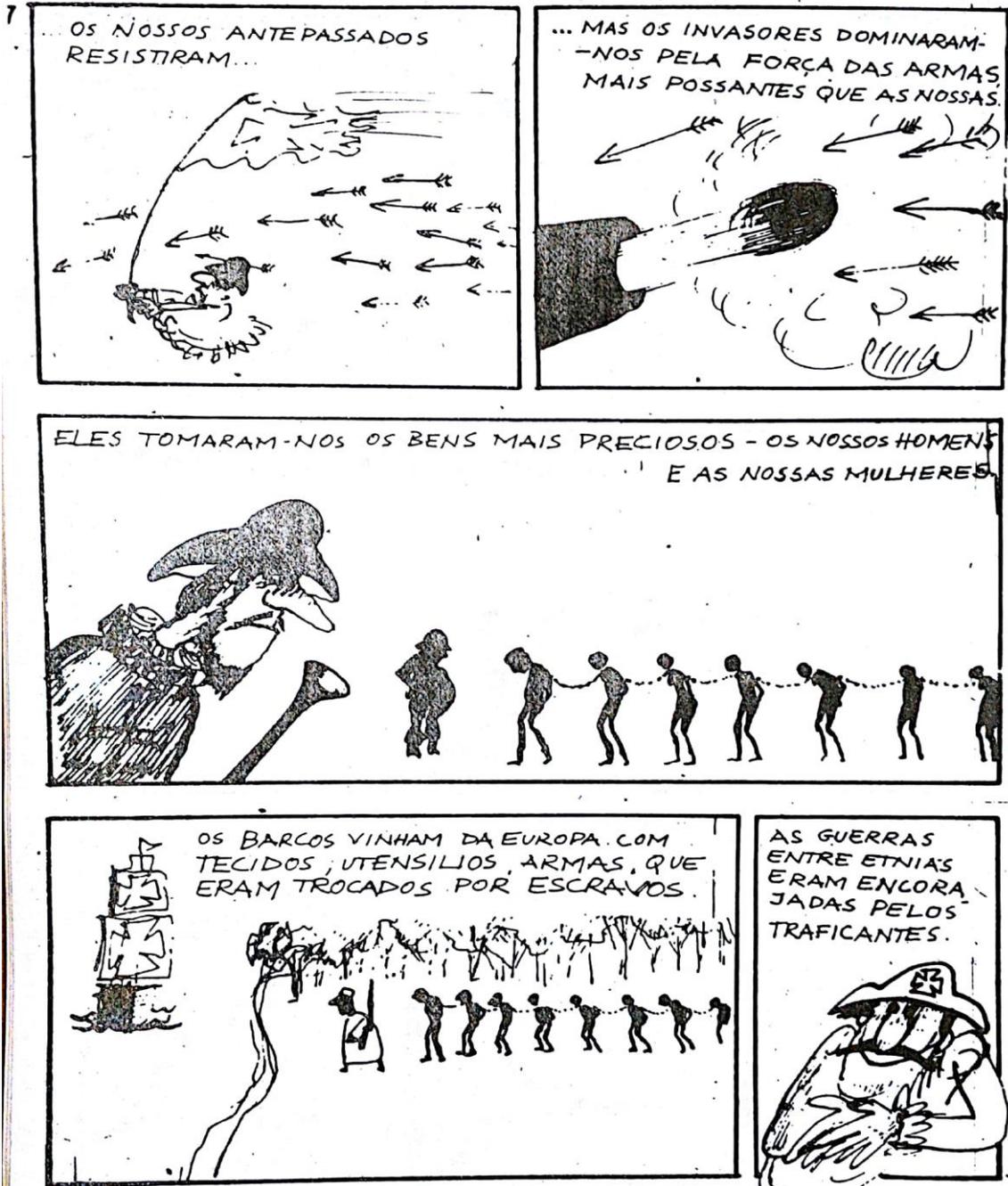


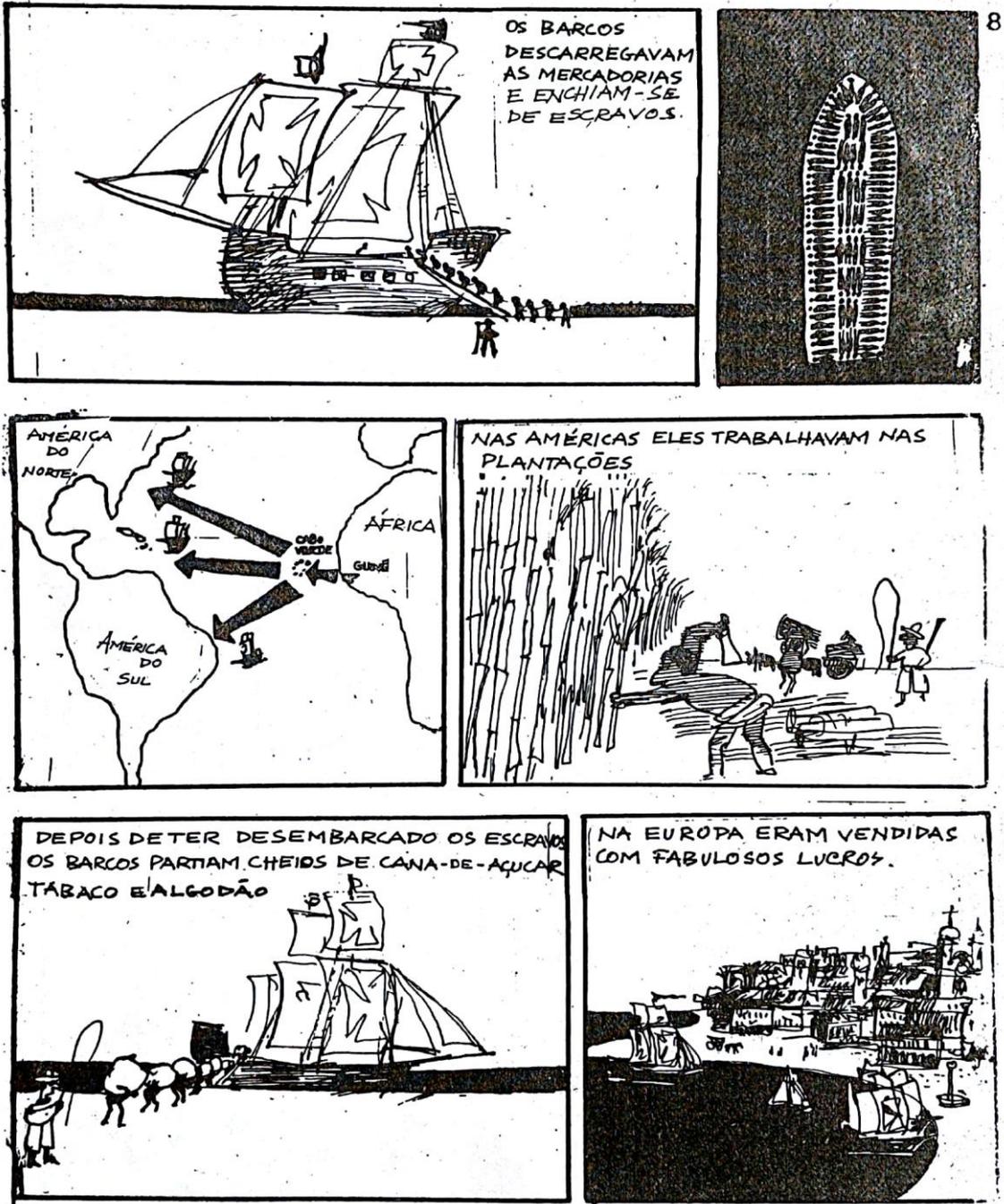




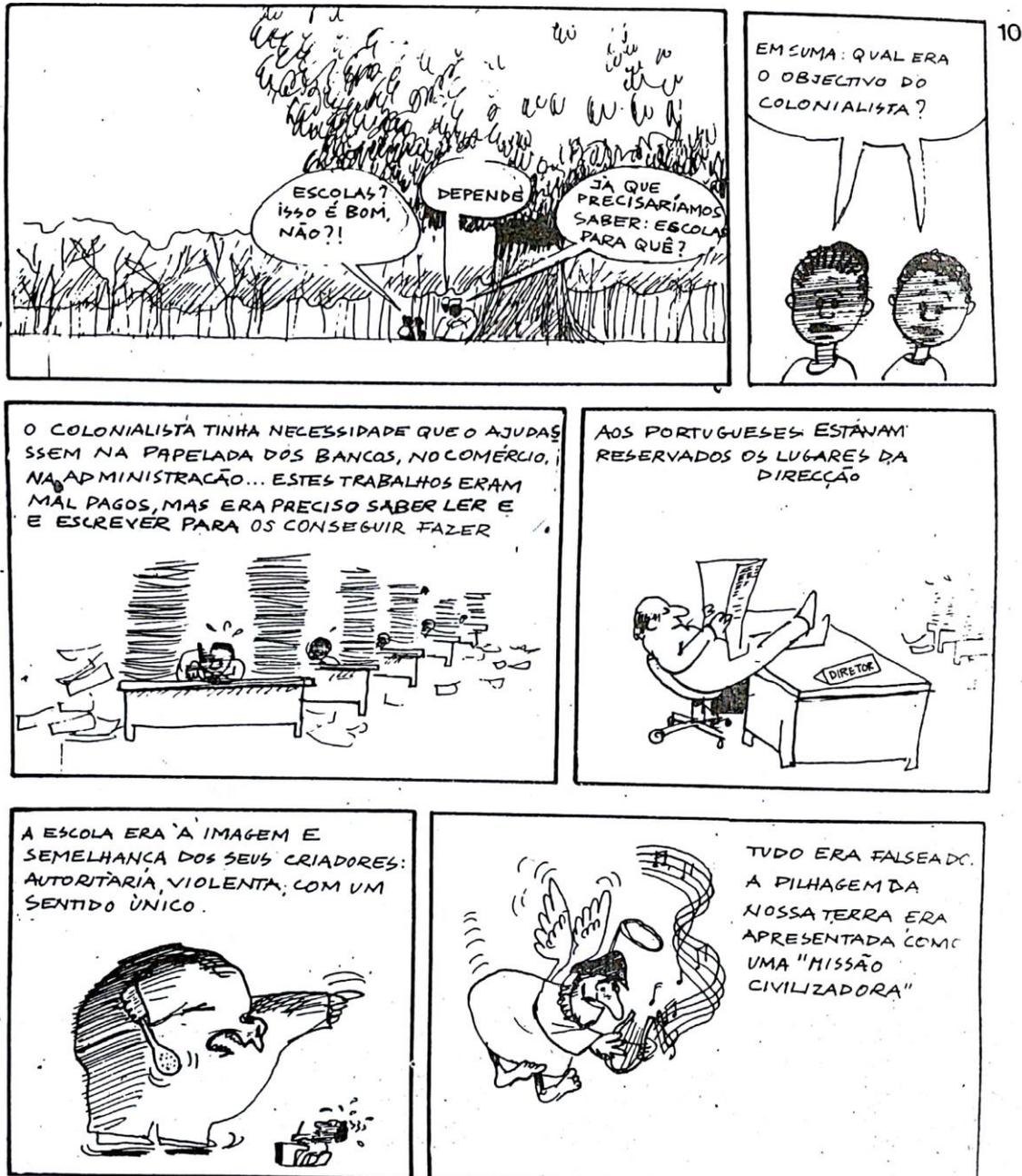




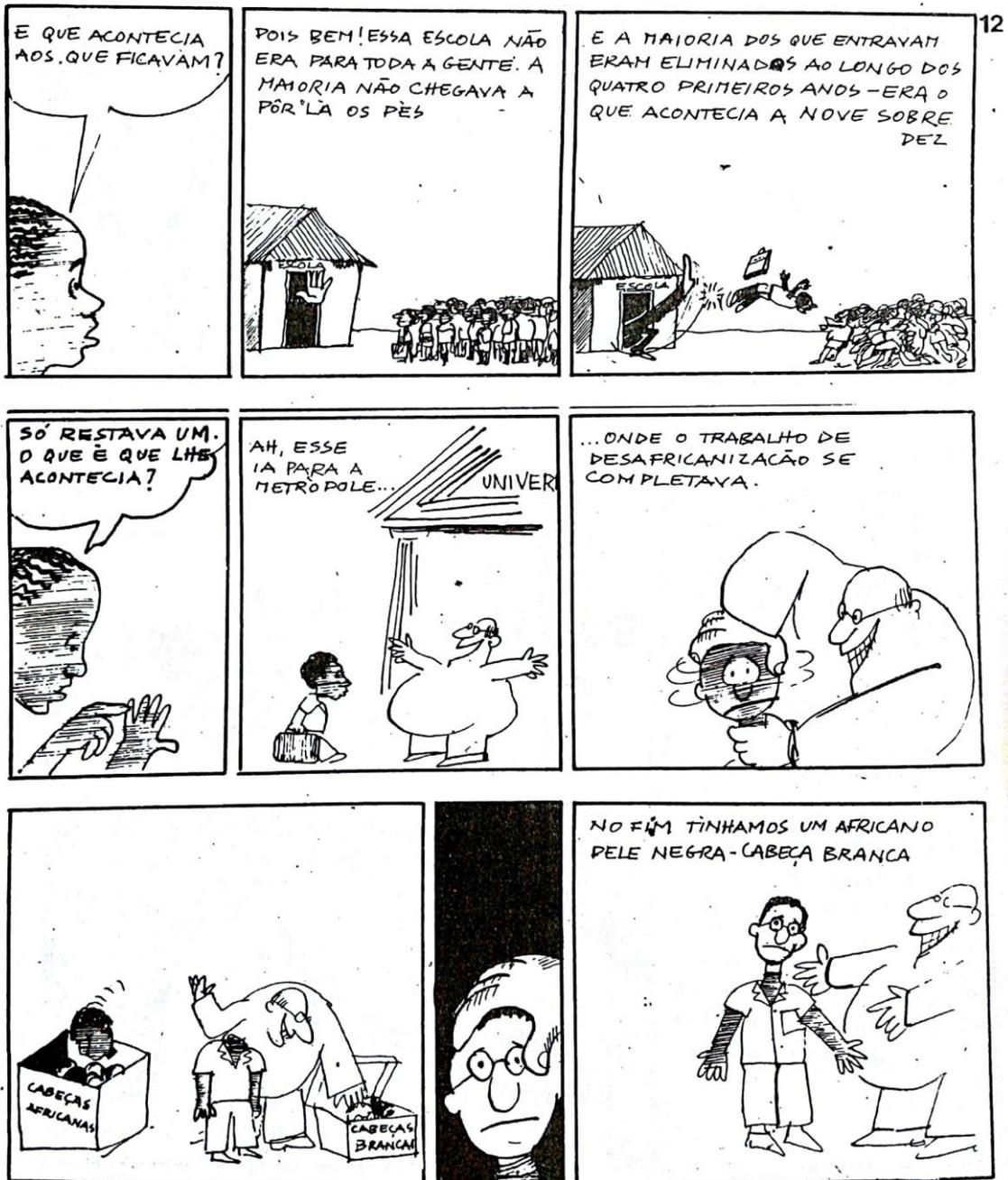






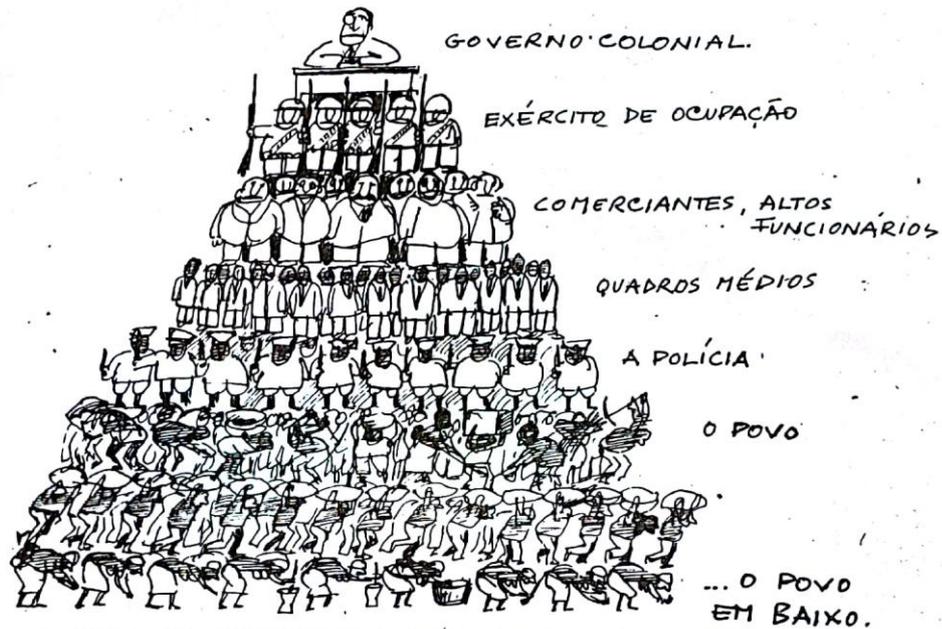








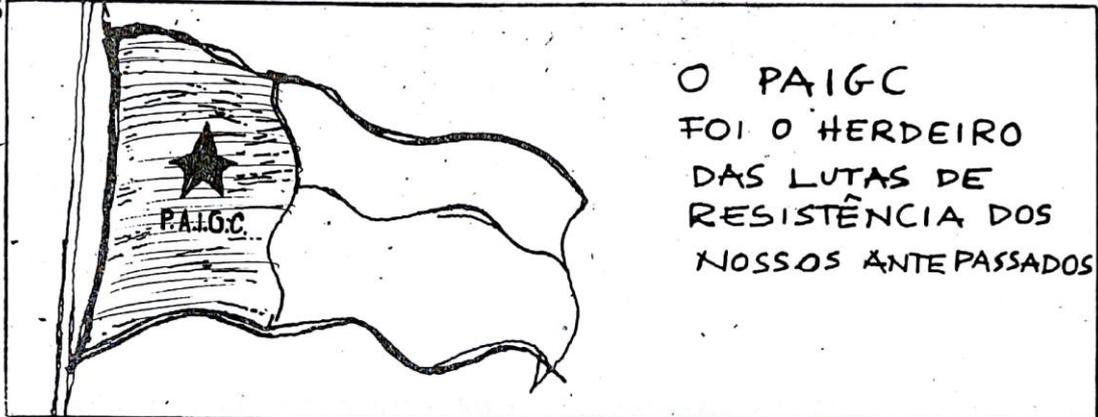
ERA ESTA A SOCIEDADE COLONIAL - OS RICOS EM CIMA...

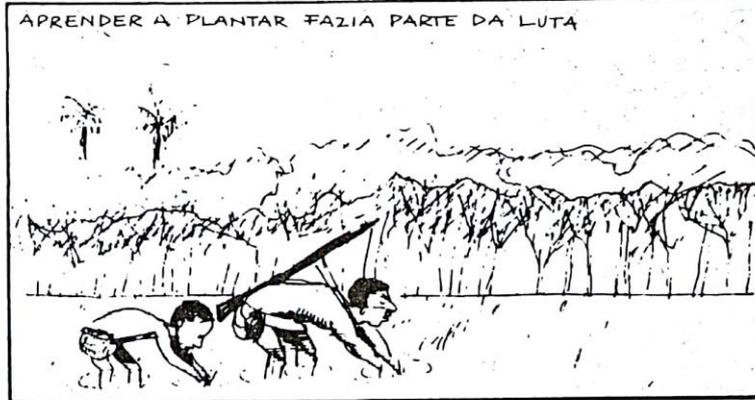


O POVO EXPLORADO NUNCA  
DEIXOU DE RESISTIR  
FOI AMÍLCAR CABRAL QUE  
MELHOR O COMPREENDEU



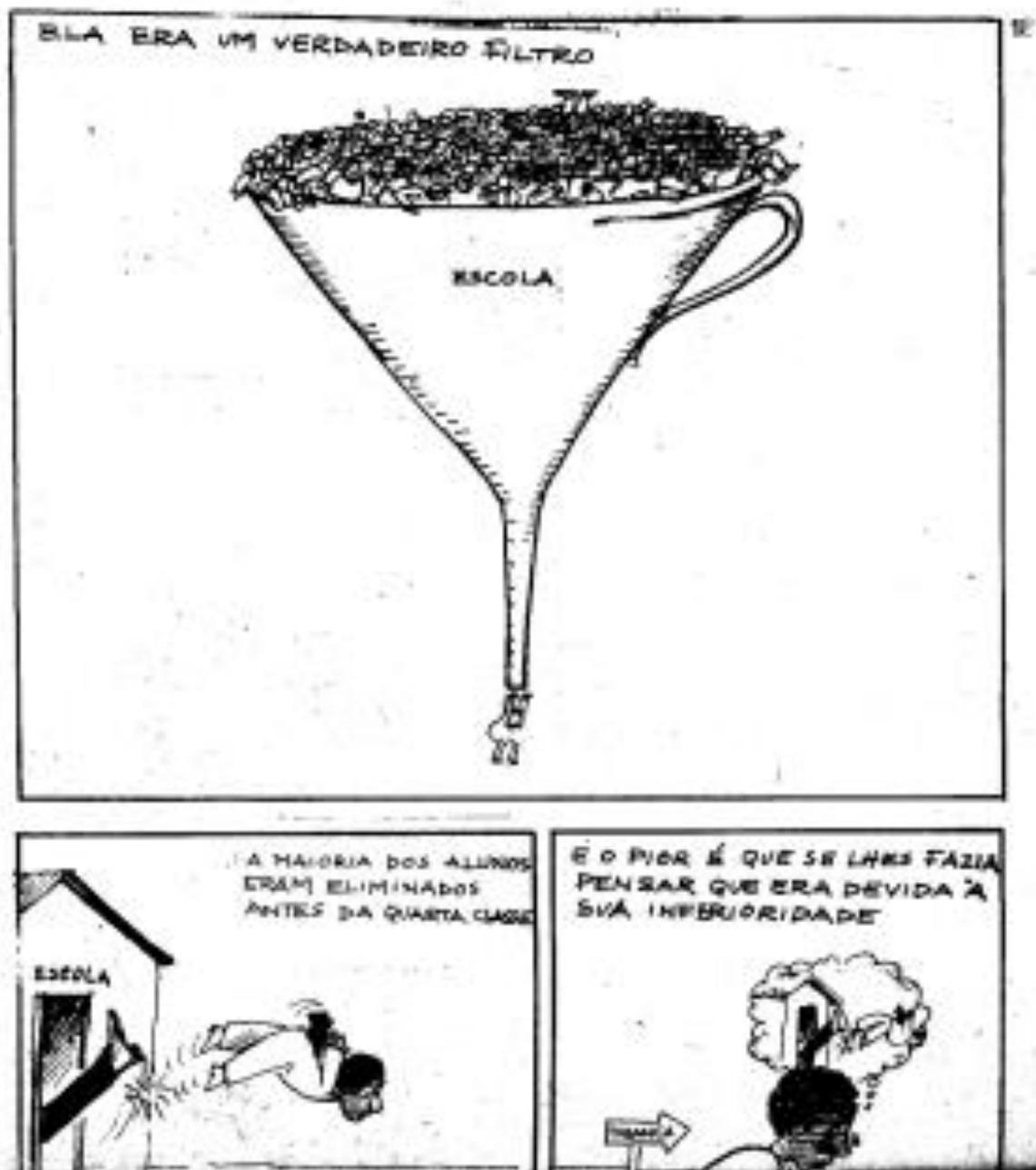
15

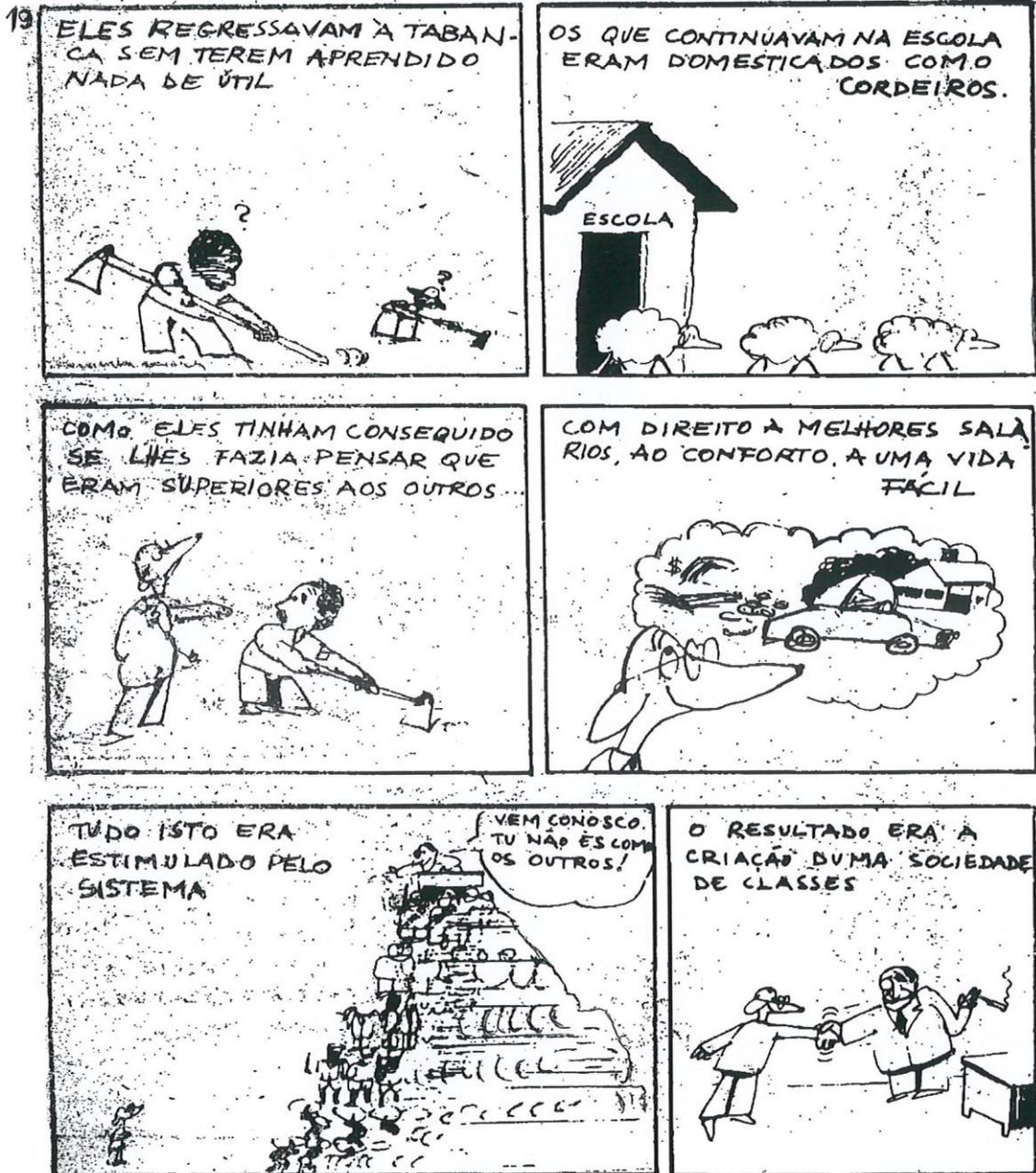




O MATO OUTRORA TEMIDO, TORNOU-SE UM TERRENO FAMILIAR, NOSSO ALIADO, ONDE CONSTRUÍMOS ESCOLAS, HOSPITAIS, OS ARMAZENS DO POVO E ONDE CONSEGUIMOS PREPARAR A LIBERTAÇÃO TOTAL DA NOSSA TERRA.

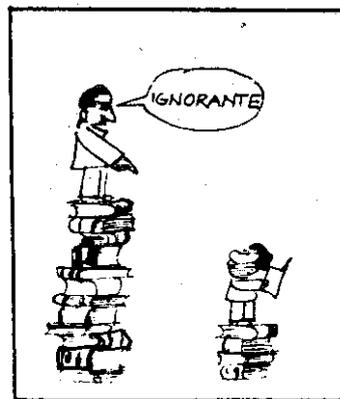
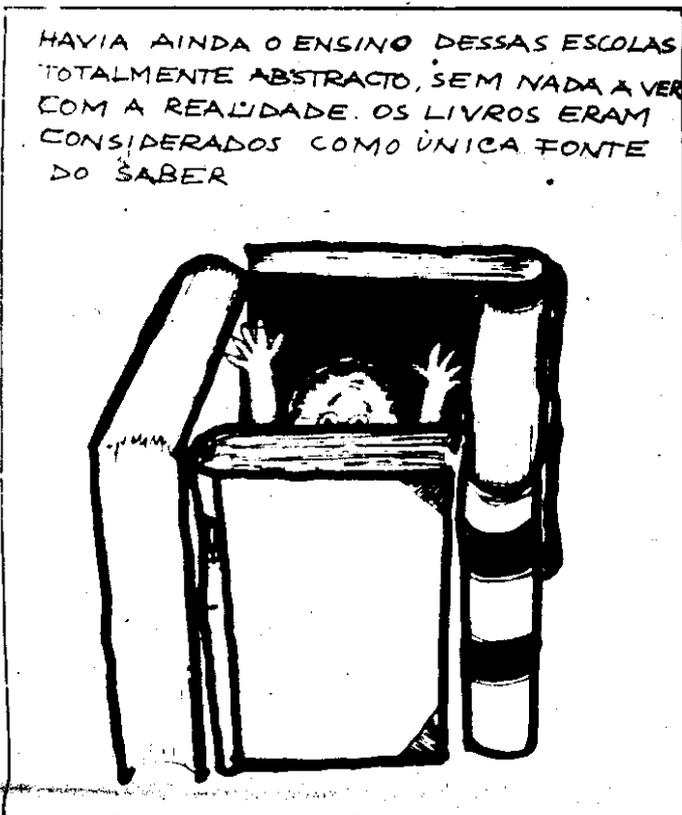








2



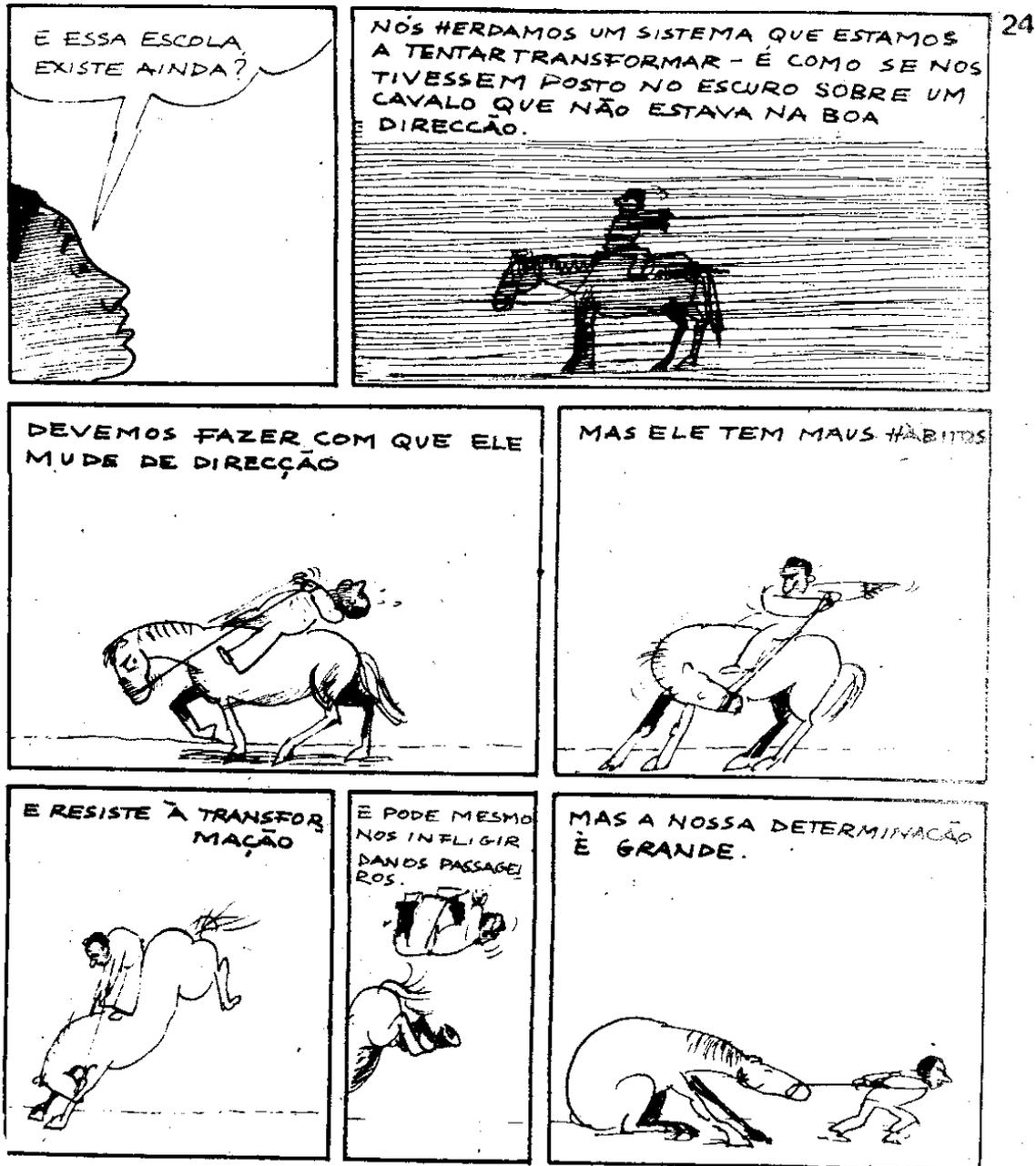


22



23





25

TALVEZ, NO FIM DA ESTRADA NÓS ACABEMOS POR NOS DESEMBARAÇAR DELE.





ESTA BANDA DESENHADA PROCURA MOSTRAR NUMA FORMA VISUAL OS PROBLEMAS QUE TEM DE ENFRENTAR OS GOVERNOS DE NOSSOS PAÍSES NA TAREFA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL.

A EDUCAÇÃO TEM UM PAPEL DOS MAIS IMPORTANTES. ELA É UM DOS INSTRUMENTOS QUE DEVERÃO PERMITIR QUE NOSSOS POVOS CONQUISTEM O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL QUE LHEMOS NEGADO.

A EDUCAÇÃO TAMBÉM DEVERA AFIRMAR A NOSSA IDENTIDADE CULTURAL DE AFRICANOS AO MESMO TEMPO EM QUE OS INTRODUZIRA AOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E CULTURAIS DO MUNDO MODERNO, OS QUAIS UTILIZAREMOS PARA MELHORAR OS NOSSOS MEIOS DE PRODUÇÃO E CONDIÇÕES DE VIDA.

O NOSSO PROJECTO COMUM É A CRIAÇÃO DE SOCIEDADES LIBERTAS

DE QUALQUER TIPO DE EXPLORAÇÃO.

O ENCONTRO DE EDUCADORES QUE SE ESTA A REALIZAR NESTE MOMENTO EM BISSAU DEVERA ABRIR NOVAS PERSPECTIVAS E SERVIR DE INSPIRAÇÃO NO PROSSEGUIMENTO DAS IMENSAS TAREFAS QUE TEMOS DE REALIZAR.

ESPERAMOS QUE A PUBLICAÇÃO DESTA BANDA DESENHADA POSSA SER ÚTIL À ANÁLISE E COMPREENSAO DOS OBSTACULOS QUE TEMOS À NOSSA FRENTE E DOS INSTRUMENTOS QUE TEMOS DE CRIAR PARA SUPERA-LOS.

O ENCONTRO DE MINISTROS E EDUCADORES DISCUTIU ESTAS QUESTÕES E BUSCOU SOLUÇÕES REALISTAS.